

## A construção progressiva em Português: considerações histórico-semânticas

ARCELONI VOLPATO

(Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina)

IRIS SUSANA PIRES PEREIRA

(Universidade de Lisboa)

A curiosidade em relação à diversidade nas formas *estar a + infinitivo* do português europeu *vs.* o *estar + gerúndio* do português do Brasil suscitou a confecção deste trabalho. Pretendemos dar a nossa contribuição a este assunto. A nossa análise não é exaustiva. Há ainda muito o que ver, considerando-se que é uma área pouco estudada. Partimos de uma análise do tratamento que tem merecido este fenómeno nos textos gramaticais e posteriormente, abordamos aspectos e problemas desta construção à luz das teorias mais recentes, sobretudo semânticas.

Inicialmente, a análise consistiu no estudo de gramáticas históricas e estudos teóricos da história da língua portuguesa, e num segundo momento detivemo-nos nas gramáticas normativas e/ou escolares. As leituras efectuadas levam-nos a concluir que o aparecimento da oposição da construção *estar a + infinitivo vs. estar + gerúndio* é recente, devendo esta alternância datar do século passado. A construção base é o *estar + gerúndio*, originária do latim, da qual derivou a construção *estar a + infinitivo*. Mattoso Câmara (1979: 169) atribui essa diferenciação ao “dialeto” de Lisboa, que substituiu a construção gerundiva por uma perífrase infinitiva (*idem*). Consideramos esta explicação pertinente, mas superficial, pois não apresenta a razão para tal modificação.

Igualmente Lindley Cintra e Celso Cunha (1990:394) fazem referência ao facto da construção gerundiva, mais antiga, ser preferida no Brasil, mas ainda viva em “*dialectos*” centro meridionais de Portugal (*principalmente no Alentejo e no Algarve*), nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa. No português padrão e nos dialectos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar + preposição a + infinitivo*...



- (11) Ele estava a correr/correndo /  
/ quando eu cheguei.  
(12) Ele correu /

Para o autor a frase (11) é estativa porque o seu valor de verdade exige que *estava a correr / correndo* seja verdade durante um período anterior ao tempo da chegada, enquanto (12) é uma frase processo, porque o advérbio *quando* marca, neste caso, o ponto de início da acção.

Em 1931, Jespersen classificou o progressivo como *a temporal frame encompassing something else* (in Vlach, idem: 178-180). Para além de estar intimamente relacionado com a interacção do progressivo com os advérbios pontuais referida por Vlach (1981), este ponto de vista de Jespersen é reforçado por Kamp & Rohrer (in Ogihara, 1990:11) que defendem que a diferença entre os estativos e os não-estativos está na capacidade de mover o tempo da narrativa: os eventos movem o tempo da narrativa, os estados não. Tomamos esta propriedade como uma outra característica do progressivo.

Os casos mais problemáticos no estudo do progressivo envolvem frases 'Estado' e frases de Processos Culminados e de Culminações. As frases 'Estado' normalmente não flexionam no progressivo:

- (13) \*Ela está a engravidar/engravidando.  
(14) \*Esta garrafa está a conter/contendo água.  
(15) \*Este plano está a consistir/consistindo em três partes.

No entanto, são muito frequentes as construções estativas que aceitam o tempo progressivo:

- (16) O bebé está a dormir/dormindo.  
(17) O marido está a depender/dependendo dela.  
(18) Pedro está a amar/amando Susana.  
(19) Olha que ele agora está a saber/sabendo muito daquilo!

Mufwene (1984:22) defende que o progressivo nos estados reduz a sua duração, que por natureza é permanente, realçando um carácter transitório que aquele estado pode ter. Ainda segundo Mufwene (1984:22), os verbos estativos que não aceitam progressivo são verbos altamente marcados para permanência, usados preferencialmente em forma simples para representar a continuidade de um estado que não pode ser interrompido ou segmentado.

O facto que tem causado maior perplexidade entre os estudiosos do progressivo foi designado de *paradoxo imperfectivo*. Este fenómeno é próprio das construções que envolvem Culminações, e surgiu quando se pretendeu relacionar uma frase no progressivo com a sua equivalente num tempo não progressivo. Assim, a verdade da frase (20.a) não implica a verdade da frase (20.b), e, pelo contrário, a verdade da frase (21.a) implica a verdade da (21.b):

- (20.a) Ele estava a construir/construindo a casa.  
(20.b) Ele construiu a casa.

- (21.a) Ele estava a correr/correndo.  
(21.b) Ele correu.

Têm sido propostas variadas explicações à luz das teorias semânticas. Aqui vamos apenas referir a proposta de Marc Moens (1987), que apresenta uma solução elegante e concisa, e toda ela integrada numa teoria aspectual e temporal bastante completa e homogénea. Moens propõe uma rede aspectual, na qual as categorias básicas se podem movimentar e tornar-se em outras categorias. Esta mobilidade deve-se à co-ocorrência de elementos linguísticos (advérbios, auxiliares e tempos verbais) e extra-linguísticos (o contexto e o conhecimento do mundo):

- (22) Max escreveu duas cartas ontem à noite. (processo culminado)  
(23) Max escreveu cartas durante meia hora ontem à noite. (processo)  
(24) Max está a escrever/escrevendo cartas. (estado progressivo)

Moens apoia-se neste sistema para defender que o paradoxo imperfectivo na verdade não existe. Quando um Processo Culminado como (22) aparece no progressivo:

- (22.a) Max estava a escrever/escrevendo duas cartas ontem à noite,

o que aconteceu foi que a informação focalizada na frase progressiva passa a contemplar apenas o processo preparatório que leva à Culminação, mas não inclui essa Culminação. Isto significa que, no progressivo, esta frase deixa de ser um Processo Culminado, para passar a ser um mero Processo. A culminação de um processo nunca é implicada no jogo do progressivo. O processo é o *input* das construções progressivas, isto é, o progressivo estativiza apenas e sempre um processo. Tomamos esta como a terceira grande característica do progressivo. Para verificarmos que o *output* é um estado, basta que lhe apliquemos o teste do advérbio *quando*:

- (22.b) Max estava a escrever duas cartas ontem a noite *quando* eu cheguei.

De tudo o que dissemos, chegamos a duas conclusões:

Em primeiro lugar, concluímos que a diversidade na realização das construções progressivas no português europeu e no português do Brasil sustenta um **único valor semântico**.

Em segundo lugar, sentimo-nos confiantes ao propor que seja aferido ao progressivo um **status de tempo verbal**.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALL, M. S. (1921). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.  
BARBOSA, J. S. (1866). *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa (ou Princípios da Gramática Geral)*, FLUL, Lisboa.  
CÂMARA JÚNIOR, J. M. (1979). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Padrão, Rio de Janeiro.

- CINTRA, L. & CUNHA, C. (1990). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª ed., Edições Sá da Costa, Lisboa.
- DUNN, J. (1939). *A Grammar of the Portuguese Language*. David Nutt, London.
- FIGUEIREDO, C. (1948). *Gramática Sintética da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Livraria Clássica Editora, Lisboa.
- LOBATO, A. J. R. (1771). *A Arte da Gramática da Língua Portuguesa*.
- LOPES, O. (1971). *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- MATEUS, M. H. et alii (1987) *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho, Lisboa.
- MOENS, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference*. PhD Thesis. University of Edinburgh.
- OGIHARA, T. (1990). "The Semantics of the Progressive and the Perfect in English", KAMP, H. *Tense and Aspect in English*. Stuttgart.
- VASCONCELLOZ, A. R. (1898). *Gramática Portuguesa*.
- VLACH, F. (1981). "The Semantics of the Progressive", *Syntax and Semantics*. Academic Press, New York. Vol. 14: 271-292.